

**PIXAÇÃO: UMA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA
DO DISCURSO DA PERIFERIA DE CAMPO GRANDE-MS**

Ingrid Maria dos Santos Rocha (UEMS)

ingrid.rocha1999@gmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

A *pixação* é um movimento contraventor caracterizado por intervenções gráficas no espaço urbano. Esse ato ilegal já faz parte do cenário da cidade de Campo Grande (MS), por vezes causa polêmicas nas mídias e entre populares, por outro lado, passa despercebido pelas pessoas. O *pixo* representa tanto um modo de vida como a necessidade humana de existir simbolicamente no espaço público. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, embasada na análise dialógica do discurso, tendo como objetivo geral analisar a construção de sentido de três *pixações* registradas por fotografia no contexto urbano de Campo Grande-MS. Do ponto de vista metodológico, o *corpus* é vislumbrado como signo ideológico, relacionado às condições de produção do discurso, imediatas e históricas, para compreender o trabalho simbólico da língua. Por meio das análises, observamos que a *pixação* tem caráter representativo da periferia, retratando uma realidade sociocultural da cidade de Campo Grande. A *pixação* é resguardada de representações simbólicas e de signos próprios. As reflexões decorrentes da análise das três *pixações* mostram que existe um processo identitário em sua composição, a partir de elementos semióticos como o tipo de letra (o estilo). As informações que circundam esse grafismo representam o sujeito *pixador* como pertencente ao espaço urbano, que busca deixar sua marca nos espaços público e privado.

Palavras-chave:

Pixação. Espaço urbano. Análise do Discurso.

RÉSUMÉ

Le *tag* est un mouvement transgresseur caractérisé par des interventions graphiques dans l'espace urbain. Cet acte illégal fait déjà partie du paysage de la ville de Campo Grande-MS, provoquant parfois des controverses dans les médias et parmi la population, d'autre part, il passe inaperçu pour la plupart des gens. Le *tag* représente à la fois un mode de vie et le besoin humain d'exister symboliquement dans l'espace public. Il s'agit d'une recherche qualitative, basée sur l'analyse dialogique du discours, dont l'objectif général est d'analyser la construction de la signification de trois *tags* enregistrées par photographie dans le contexte urbain de Campo Grande-MS. Du point de vue méthodologique, le corpus est envisagé comme un signe idéologique, lié aux conditions de production du discours, immédiates et historiques, pour comprendre le travail symbolique du langage. A travers l'analyse, nous avons observé que le *tag* a un caractère représentatif des zones urbaines périphériques, dépeignant une réalité socioculturelle de la ville de Campo Grande. Le *tag* est protégé par des représentations symboliques et des signes particuliers. Les réflexions résultant de l'analyse des trois *tags* montrent qu'il existe un processus d'identité dans leur

composition, à partir d'éléments sémiotiques tels que le type de lettre (le style). Les informations entourant ce graphisme représentent le *tagueur* comme un sujet appartenant à l'espace urbain, qui cherche à laisser sa marque dans les espaces publics et privés.

Mots-clés:

Tag. Espace urbain. Analyse du Discours.

1. Introdução

Ao passar por alguns pontos da cidade de Campo Grande-MS, é possível observar caligrafias peculiares escritas de forma a interferir na composição visual da cidade. As escritas são feitas de forma ilegal, sempre de modo a invadir o espaço alheio; essas observações dizem respeito à *pixação*. O fenômeno social e urbano em questão pode ser considerado uma forma de manifestação da linguagem que possui diversas motivações, algumas delas são: o reconhecimento social dos grupos que realizam tal prática, causar incômodo, gerar aceitação social, além de protestar consciente ou inconscientemente sob sentimento de alguma insatisfação relacionada ao sistema (desigualdade social, por exemplo). Nesse sentido, o *pixo* se torna uma representação simbólica do discurso de seus idealizadores, em sua grande maioria proveniente de zonas periféricas. Esse fenômeno comum nas grandes metrópoles, geralmente com cenários caóticos, está presente também na cidade onde foi colhido o corpus da pesquisa. Vale ressaltar que esse tipo de intervenção urbana é nacionalmente ilegal e está enquadrada na Lei de Crimes Ambientais no artigo 65 da Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998, essa lei prevê pena de três meses a um ano e multa.

Nesta pesquisa, utiliza-se a palavra *pixação* grafada com “x” a fim de diferenciá-la de pichação com “ch”. Essa escolha baseia-se na pesquisa do professor e pesquisador universitário Gustavo Lassala, autor de diversos trabalhos sobre a temática de expressões gráficas urbanas – inclusive a *pixação*. Em sua tese de doutorado, intitulada *Em nome do pixo – a experiência social e estética do pixador e artista DjanIvson*, Lassala (2014) pontua que é preciso levar em consideração a questão semântica dos termos para não cometer equívocos. O professor explica que pichação é:

Uma ação de transgressão para marcar presença ou chamar atenção para alguma causa, principalmente em ambientes externos do espaço público urbano. Não preza por um padrão em relação ao conteúdo e à forma, de modo que qualquer pessoa pode atuar com as mais diversas ferramentas

para desenhar, pintar, escrever ou rabiscar. (LASSALA, 2014, p. 12)

A pichação é vista em todos os cantos e é mais antiga do que se pensa. Esse ato possui uma semelhança muito grande com a *pixação*, pela mesma essência de transgressão, invasão de espaços públicos e privados, porém Lassala (2014) afirma que a *pixação* tem suas próprias características:

[...] um tipo de intervenção urbana ilegal nativa de São Paulo; sua principal característica é o desenho de letras retilíneas escritas com spray ou rolo de espuma para estampar logotipos de gangues ou indivíduos; esse estilo de letras é conhecido como *tag* reto. Normalmente moradores de bairros periféricos, jovens que se arriscam nessa modalidade ao escalar edificações para carimbar sua marca em lugares de grande visibilidade, buscam notoriedade. (LASSALA, 2014, p.12)

Na cidade de Campo Grande, esse estilo de intervenção ilegal se tornou parte da paisagem urbana. É possível reconhecer a forma das letras mencionadas por Lassala, algumas são incompreensíveis, já outras podem ser compreendidas se é lançado um olhar mais atento. As *tags*¹⁷² que puderam ser entendidas fazem parte do corpus da pesquisa, pois se trata de dizeres um tanto peculiares, um vocabulário que não se vê sendo usado com tanta frequência. Esse fenômeno é carregado de elementos que buscam afirmar que, apesar da ilegalidade e das polêmicas a ele vinculadas, existe uma manifestação estética que reinventa a forma das letras, preza pela originalidade e codifica a linguagem. Nessa perspectiva, a *pixação* como um fenômeno cultural complexo traz consigo tanto o aspecto ilegal quanto o aspecto linguístico e discursivo.

O fenômeno da *pixação* confirma a necessidade humana de existir simbolicamente pela linguagem e pelo próprio discurso (ORLANDI, 2009). Por meio do discurso, o *pixador* traz consigo uma carga ideológica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006); sua forma de ser, estar e agir no mundo denotam as próprias origens periféricas do movimento. Dessa forma, pode-se afirmar que a *pixação* é um discurso portador de sentido e dotado de uma organização semiótica. O *pixo* observado em alguns muros de Campo Grande possui uma caligrafia estilizada e seu teor quase sempre está relacionado a substantivos, adjetivos ou podem aparecer sob a forma de pergunta; além disso, essas inscrições vêm acompanhadas de outras informações, que serão abordadas mais adiante.

¹⁷² Do inglês – assinatura, as *tags* representam o codinome ou a própria assinatura do *pixador* nas ruas, geralmente o indivíduo é conhecido por esse codinome que *pixa* nos muros da cidade.

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em nível de iniciação científica, no curso de Letras da UEMS (CG), tendo como corpus fotos de *pixações* coletadas na cidade de Campo Grande, na região oeste e na área central. Dessas imagens foram selecionadas três *pixações* para a análise. A partir disso, este trabalho propõe a análise das *pixações*¹⁷³ em seu caráter ideológico, partindo das ideias de Bakhtin/Volochinov (2006) a respeito da natureza ideológica do signo. A pesquisa também objetiva situar as condições de produção do discurso para compreender o trabalho simbólico da língua no contexto imediato e histórico das *pixações*, ancorando-se na análise de discurso francesa e na análise dialógica do discurso.

2. *Pixação: Definição, origem e características funcionais*

No estudo de Lassala (2017) sobre as expressões gráficas urbanas, encontra-se o seu conceito de *pixação*, que o autor define como: “s.f. 1. sujeira, ruído, incômodo, 2. Espelho, urgência, diálogo, 3. Sintoma de que nem todos estão satisfeitos” (LASSALA, 2017, p. 19). Essa manifestação ilegal traz consigo todas essas características e se apresenta de maneira marginalizada e contestatória com pretensões “pré-estabelecidas”. Observa-se que a própria escrita da palavra foge às regras da norma padrão da língua portuguesa, e nesse sentido, o protesto já começa no próprio nome. A *pixação* surge como uma afronta às leis brasileiras e as normas sociais. Ela se encontra em toda parte, e um olhar mais atento ao cenário urbano nos possibilita concordar com Lassala, quando este autor afirma que “nada parece escapar a essa camada marginal de tinta” (LASSALA, 2017, p. 20).

A *pixação/pixação* tem origem na cidade de São Paulo, a qual tem seu estilo próprio de *pixação* que, iniciado nos anos 1980, nessa década em que as escritas de nomes e grupos começaram a tomar lugar nos prédios e muros da cidade. Esse estilo, segundo Lassala (2017), tinha como principais características: letras grandes, angulares, e normalmente eram produzidas com tinta spray ou látex (com rolo de espuma). O estilo de letras de origem paulistano conhecido como *tag* reto se tornou um tipo específico de *pixação*. Lassala (2017) afirma que a atuação dos *pixadores* nessa modalidade é tanto em grupo como individual, expressam nomes de gangues ou seus próprios codinomes, em busca de visibilidade.

¹⁷³ Nessa pesquisa, o termo *pixação* se trata das *tags* selecionadas para a análise, representadas pelo estilo *tag* reto; e será sinônimo de *pixo*.

de, principalmente quando escolhem lugares altos para deixar as suas marcas:

Justamente por concorrer com a comunicação de massa, a pixação faz uso de processos de percepção e de assimilação diferenciados do tradicional; ela possui uma gramática própria. Este tipo de comunicação é desenvolvido principalmente pelos grupos de São Paulo e, pode-se afirmar, as letras desenhadas não são entendíveis pelo público leigo, somente os pixadores e algumas pessoas mais atentas as entendem. (LASSALA, 2017, p. 50)

A pixação é vista em vários estados brasileiros, cada uma com suas características, mas muito similares ao *tag* reto de São Paulo. Na cidade onde o *corpus* foi coletado observam-se pixações muito parecidas com as da metrópole em que o movimento surgiu. Apesar do padrão das letras de certa forma já estabelecido, o autor do pixo pode criar seu próprio estilo e adaptá-lo para seu contexto. A escrita estilizada e com certa preocupação estética possibilita pensar sobre os objetivos da pixação como um ato para ganhar visibilidade e gerar “fama” para tal indivíduo. No próprio corpus da pesquisa constatou-se que um mesmo pixo, ou seja, o mesmo indivíduo registrou seu codinome em lugares diferentes da cidade, o que confirma a hipótese de um dos objetivos da pixação.

Pensando sobre essas características, o ato de manifestar-se utilizando como suporte a parede não é tão novo assim, ela é um efeito das primeiras manifestações humanas. Com sua necessidade de existir simbolicamente no mundo e também com o interesse em se comunicar com o outro, o ser humano utilizou as paredes para se expressar. Lassala (2017) traz um panorama histórico da pichação, explicando que uma de suas características é deixar o nome escrito nas paredes: “fato observado nos vestígios na cidade de Pompeia, na Itália, há mais de 1500 anos” (LASSALA, 2017, p. 84). A história da pichação/pixação também está ligada a protestos ocorridos na sociedade moderna, por ideologias políticas, contra autoridades, por causa de regimes políticos com o objetivo de expressar opiniões. Mas, segundo Lassala, o pixo atual se assemelha às intervenções americanas pioneiras:

[...] trabalham no nível dos signos, pois os escritos continham os codinomes dos interventores e, por vezes o endereço de onde eles residiam. Esses grafismos eram tão grandes e agressivos que o significado pouco importava para o cidadão fora desse circuito. É interessante notar que essas são as características observadas na pixação paulistana atual. (LASSALA, 2017, p. 88)

Nesse sentido, as características das manifestações americanas in-

fluenciaram a forma de intervenção dos pixadores no Brasil, que escolhem um codinome e pixam pela cidade. Nas fotos colhidas para esta pesquisa, são encontradas também o ano em que foram pixadas e às vezes a região de onde vem o pixador.

Após a breve explicação e exposição das características do objeto a ser estudado nesta pesquisa, passa-se ao referencial teórico em que se aborda a análise do discurso francesa e o pensamento do Círculo de Bakhtin.

3. Análise do discurso

As postulações teóricas do estruturalista suíço Ferdinand de Saussure revolucionaram a forma de se conceber a língua e a linguagem na primeira metade do século XX. A partir de seus escritos, na realidade a notações de suas aulas, surge a Linguística. Essa ciência tinha como objeto de estudo a língua (*langue*), um fato social comum aos falantes em um recorte temporal, e a fala (*parole*), individual e sujeita à variação. Nesse sentido, Saussure formula a dicotomia da língua vs fala. A língua, de caráter social, considerada estável, nesse período é entendida como uma estrutura. Já a fala é a manifestação individual de cada falante. Embora essa forma de pensar a linguística fosse importante para o progresso do estudo da linguagem, ela se mostrava limitada por excluir a fala dos estudos linguísticos, privilegiando a língua como objeto científico.

Atentos a essa problemática causada pela oposição da língua/fala, alguns estudiosos passam a tentar compreender o fenômeno da linguagem não exclusivamente centrado na língua. Brandão (2004) afirma que Bakhtin está entre os estudiosos que partiram das postulações teóricas de Saussure para pensar a língua além de um fato social, mas também como algo concreto e fruto da interação verbal entre pelo menos dois falantes. O Círculo de Bakhtin, formado por estudiosos russos que se opunham ao formalismo na literatura, propõem que a matéria linguística constitui parte do enunciado, sendo a outra parte constituída pelo contexto da enunciação. Daí surge a possibilidade do estudo dos aspectos subjetivos da língua e sua relação com a exterioridade. Orlandi (2009) explica que no estudo da enunciação, Bakhtin

[...] vai mostrar que a enunciação é um fenômeno social e não individual. A palavra, segundo ele, é basicamente dialógica e está tão determinada por quem a emite quanto por aquele para quem é emitida. Então, a abor-dagem da língua deve ser feita por sua inserção no contexto social e no

universo da tensão humana em que ela atua. O território da língua é lugar de disputa e conflitos, da relação entre o sujeito e a sociedade. (ORLANDI, 2009, p. 57)

Nesse sentido, a discussão vai além da dicotomia língua/fala. Não se trata de uma extensão da linguística, mas de uma análise mais complexa da linguagem, em que há uma relação entre o que se diz e onde, como e o *sujeito* diz, isto é, as condições de produção.

Na década de 1960, surge na França a análise do discurso desenvolvida por Michel Pêcheux. Com a ascensão de um período de manifestações políticas no mundo, na França acontece uma série de protestos encabeçados por movimentos de estudantes que saem às ruas pedindo por reformas educacionais e maior liberdade nas universidades. Conhecido como Maio de 1968, este período de agitação política e cultural estabelece o pano de fundo do surgimento da Análise do Discurso (AD), que estuda a relação entre língua, sujeito e ideologia, com um interesse manifesto pelos discursos doutrinários (política, religião). A análise se volta para os discursos políticos e não se limita a um estudo linguístico, mas vai observar os elementos externos da língua, em que intervêm fatores históricos e ideológicos.

3.1. *Perspectiva teórica da análise do discurso*

Esta pesquisa se fundamenta na análise de discurso (AD), cujo objeto de estudo é o discurso¹⁷⁴, com seus funcionamentos linguísticos, sócio-históricos e ideológicos que consideram toda manifestação de linguagem. Nesse sentido, as hipóteses são fundamentadas na teoria do discurso da AD, que se ocupa da questão do sentido, para além da língua:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2009, p. 15)

Na obra *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, de Eni Orlandi (2009) são apresentados conceitos e noções do dispositivo teórico da disciplina. A autora discorre sobre o trabalho com o discurso, no

¹⁷⁴ Entendemos discurso conforme Brandão (s.d): “Ao produzirem linguagem, os falantes produzem discursos. [...] Podemos definir discurso como toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes”.

seu sentido mais simples – o de estudar a palavra em movimento, o curso ou percurso da linguagem e suas práticas. Na AD, “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico” (ORLANDI, 2009, p. 15), ou seja, a língua é parte do trabalho social e é o que constitui o homem em sua história. Pode-se afirmar, então, que a AD vai se ocupar das dinâmicas e dos modos do discurso por ocasião da produção de sentidos ao longo da história.

De acordo com Orlandi, a AD procura refletir sobre “a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2009, p. 16). A partir disso, a discussão se direciona para as bases fundadoras da AD. Essas bases são necessárias para se compreender as maneiras pelas quais a ideologia está presente na superfície discursiva, por meio da linguística, da história e da psicanálise.

No campo da linguística, a discussão se volta para a língua como um sistema não-transparente, concepção importante para a Análise de discurso, pois ela parte do pressuposto de que “a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação que se faz termo-a-termo [*sic*]” (ORLANDI, 2009, p. 19). Isto quer dizer que os sentidos atribuídos à linguagem só são possíveis com a sua materialização. Outro pressuposto da AD é o do materialismo histórico, em que o real da língua não é compreendido como sendo da mesma ordem do real da história. É fundamento da AD que a língua e a história se atravessam, o que faz produzir uma forma não abstrata, mas material que é a forma trespassada na história para produzir sentidos. A terceira base fundadora da AD é a Psicanálise, que convoca a noção de sujeito deslocado da noção de homem ou indivíduo. O sujeito é constituído na relação com o simbólico, por meio da história e da memória. Orlandi (2009) explica as premissas da Análise do discurso: a) “a língua tem sua própria ordem”; b) “a história tem seu real afetado pelo simbólico” e c) “o sujeito da linguagem é descentrado, pois (...) funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 19-20). Essas premissas mostram a opacidade da linguagem e o papel do inconsciente e da ideologia na produção de efeitos de sentido.

A análise do discurso, segundo Orlandi, é feita por meio de três etapas que se fazem da passagem da superfície linguística para o Objeto Discursivo e o Processo Discursivo. A etapa que diz respeito à pesquisa é a segunda, que passa do objeto discursivo para os processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentido. Nessa etapa, há a observação da

constituição da formação ideológica que vê como a língua produz sentidos para os indivíduos; é preocupação dessa disciplina a prática envolvida na produção e circulação dos sentidos em sociedade. Orlandi (2009) afirma que o sentido significa historicamente: “o sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história” (ORLANDI, 2009, p. 95). A interpretação da constituição da linguagem através dos códigos se faz possível pela ideologia, na relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo: “(...) em outras palavras reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito de constitui e se significa. Pela Ideologia”. (ORLANDI, 2009, p. 96).

Orlandi (2009), ao aprofundar as noções básicas da AD, explica que a disciplina “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 26). Nesse caso, entende-se que uma análise em AD mobiliza diferentes conceitos, bem como categorias de análise que influenciam os resultados do analista. Para isso Orlandi disserta sobre os *dispositivos teóricos* e os *dispositivos analíticos*, enquanto aqueles tratam da mediação entre a descrição e a interpretação com os construtos teóricos gerais de AD, estes se relacionam a dispositivos teóricos específicos para uma pesquisa; “o que define a forma do dispositivo analítico é questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2009, p. 27).

A relação da linguagem com a exterioridade é um conceito primordial para a análise do discurso, e nesse sentido a exterioridade em AD está ligada às *condições de produção*, pois dão conta do contexto imediato da enunciação bem como do contexto histórico relacionado ao ideológico. “Essas condições estão representadas por formações imaginárias: a imagem que o falante tem de si, a que tem do seu ouvinte etc.” (ORLANDI, 2009, p. 58). As condições de produção dizem respeito ao contexto imediato da enunciação e do contexto sócio-histórico e ideológico. Esses elementos são levados em conta na AD para compreender o sentido do discurso.

Na análise do discurso há a múltipla possibilidade de significados, pois os sentidos podem se deslocar conforme o contexto sócio-histórico e ideológico. No discurso, articula-se o sujeito que fala, de onde, e qual é sua posição social. A formação ideológica está relacionada a esta última, “têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre eles e que são expressas quando interagem entre si” (BRANDÃO, [s.d.]). Além da formação ideológica, tem-se também a formação discursiva que está relacionada ao que se diz ou escreve discursivamente e que remete a for-

mação ideológica, isto é, o lugar/posição que o sujeito ocupa determina o que será dito por ele.

4. Signo ideológico – Círculo de Bakhtin

As obras do Círculo de Bakhtin trouxeram grandes contribuições para a área de estudos da linguagem, principalmente com a proposta de uma abordagem dialógica da linguagem. A concepção dialógica da linguagem é um “princípio unificador da obra de Mikhail Bakhtin” (FIORIN, 2006, p. 18). Para Bakhtin, todos os enunciados envolvidos no processo de comunicação são dialógicos. Nessa perspectiva, todo discurso é atravessado pelo discurso de outrem em que são estabelecidas relações de sentido. Toda palavra dialoga com outras palavras, não há neutralidade no discurso. Por isso, no discurso são refletidas as interpretações da realidade social, por meio de palavras ou signos o ser humano se expressa. A teoria do Círculo é que existe um valor ideológico nos tipos de signos e esses são parte da realidade que circunda os indivíduos. O signo, então, remete às formas de consciência social do indivíduo demonstradas por meio de uma linguagem própria dos seus códigos de conduta; às vezes o signo pode até funcionar como instrumento de revolução. Bakhtin ressalta:

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. (BAKHTIN, 2006, p. 30)

A relação entre o signo e a ideologia é trabalhada na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* em que se discute a natureza do signo ideológico. Bakhtin afirma que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua própria maneira” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 31). O signo está ligado à ideologia, portanto “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 29). Sem os signos não existe ideologia, pois tudo que é ideológico é um signo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Para fazer sentido, isto é, produzir significação é preciso ser signo.

O domínio da ideologia corresponde com o domínio dos signos. E tudo que é ideológico possui valor semiótico de representação:

[...] toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 29)

O signo ideológico não é um simples reflexo da realidade, ele também é um fragmento material dela; há uma incorporação material no funcionamento do signo, isto é, tudo que funciona como signo ideológico se materializa fisicamente, como cor, som movimento e outros (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Desse modo, o que vai dinamizar essas formas de criação ideológica também as tornará meios de deformação e de refração dos indivíduos. Esse fenômeno acontece pelo confronto de interesses sociais em uma mesma comunidade semiótica. Segundo esse pensamento, quando se constrói uma representação de um produto físico, aí nasce um signo, pois a imagem criada já não é mais o objeto propriamente dito, mas um elemento que se refere a uma realidade discursiva organizada por elaborações de sentidos mediante discursos anteriores. Bakhtin/Volochinov (2006) concluem que

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 34)

O signo ideológico ganha materialidade no plano verbal e visual, na interação entre uma consciência individual e outra. Na manifestação semiótica, portanto ideológica, que tem um processo de significação, e que assume significados na interação social. O sujeito comunica algo que só faz sentido entre uma consciência individual e outra, isto é, só encontra significado de indivíduo a indivíduo. A esse respeito, Bakhtin/Volochinov (2006) sustenta que

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 32)

Bakhtin ainda destaca sobre os signos criados pelo homem que “sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 33). O signo é o resultado de um acordo entre indivíduos socialmente organizados em um processo de interação. Isso se

dá porque as formas do signo estão condicionadas pela organização social dos indivíduos e também pela forma que a interação acontece. Nessa perspectiva, há um confronto de interesses sociais; “classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 45). O signo se torna o lugar onde se desenvolve a luta de classes, pois segundo Bakhtin/Volochinov (2006) o signo ideológico tem duas faces, uma dialética interna que aparece em contexto de crise social ou comoção revolucionária.

Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 46)

5. Análise de pixações

Partindo da coleta do *corpus*, conseguimos descrevê-lo e interpretá-lo com base na análise do discurso, nos estudos de expressões gráficas urbanas e nos postulados de Bakhtin/Volochinov (2006) acerca da linguagem como signo ideológico. Entendemos que nosso objeto de estudo é escasso de objetividade e, portanto, não é simples sua descrição e análise.

A pixação traz consigo todas as características de uma manifestação ilegal e se apresenta de maneira marginalizada e contestatória com pretensões “pré-estabelecidas”. Observa-se que a própria escrita da palavra foge às regras da norma padrão da língua portuguesa, e como dissemos, este desvio já pode ser observado na grafia do conceito. A pixação surge como uma afronta às leis brasileiras e às normas sociais, ela está em toda parte. Pelo olhar da análise do discurso, essa manifestação da linguagem praticada por um “autor” resulta da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia; tem a ver com sua relação com a cidade ou o cenário urbano que é onde o sujeito se significa no mundo. Com base em Orlandi (2012), inferimos que a pixação é uma forma de linguagem que constitui sentido, ou seja, é o discurso do pixador, sua conduta, seu percurso na sociedade. Percebemos na análise que existe uma relação desse sujeito pixador com a cidade, pois, ao utilizar o muro para escrever, ele está se inscrevendo no âmbito social e político. Dessa forma, há um confronto do simbólico (forma pela qual o sujeito se faz existir) com o polí-

tico (relação com o Estado). A esse respeito, Orlandi (2012) explica:

Assim a cidade se materializa em um espaço que é um espaço significativo: nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, citadino, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados. (ORLANDI, 2012, p. 200)

As *tags*, assim chamadas por se tratar de uma assinatura feita pelo pixador, compõem uma manifestação semiótica com certa preocupação estética, por meio de uma caligrafia estilizada. A assinatura escolhida pelo pixador pode dizer muito sobre ele ou sobre questões sociais direcionadas no cotidiano de sujeitos periféricos. A utilização do espaço público como suporte para sua manifestação provoca mudanças no cenário urbano, representando uma contestação social que desafia a lei e a própria vida, com a apropriação de lugares não autorizados. As características da pixação aparecem de forma a demonstrar certa autenticidade do “autor” com a escolha de um “nome”, o estilo da letra, a menção de ano, lugar e hora; o indivíduo se inscreve no mundo, se significa.

Com um celular registramos as seguintes fotos:

Figura 1: Pixação em parede residencial, localizada da Avenida Júlio de Castilho¹⁷⁵.



Na figura 1, veem-se as características já abordadas da pixação paulistana, com letras retilíneas, provavelmente feitas com rolo de espuma. O codinome do pixador é “Insensato”. Há uma grande possibilidade de que ele habite na zona oeste da cidade de Campo Grande, pois deixa registrada essa informação logo acima de seu codinome característica muito semelhante às intervenções americanas. O estilo gráfico utilizado também lembra o *tag* reto paulistano, são letras que possuem características específicas e que procuram padronizar o desenho das letras: “(...) le-

¹⁷⁵ Descrição: Insensato 19 (ano 2019), ZO (zona oeste).

tras retas, alongadas e pontiagudas, pintadas com tinta spray ou rolo de tinta; letras que procuram ocupar o maior espaço possível no suporte” (LASSALA, 2017, p. 110). Embora exista certo padrão, é possível observar a variedade de criação de letras em cada pixo, e a liberdade de cada pixador de criar seu próprio logotipo.

Figura 2: Pixação em muro de escola estadual em Campo Grande-MS, Avenida Júlio de Castilho¹⁷⁶.



Na foto da figura 2, é possível ler o nome “Tosco” escrito com uma caligrafia estilizada, bem como o horário provável de quando a pixação foi realizada. Essas características da pixação (logotipo, hora, data) aparecem de forma a demonstrar certa autenticidade/autoria do pixo, com a escolha de um “nome”, o estilo da letra, a menção de ano, região e hora; o indivíduo se inscreve no mundo, se significa, cria o seu signo ideológico.

Figura 3: Pixação em muro residencial na Avenida Júlio de Castilho¹⁷⁷.



Na figura 3, percebe-se a pixação composta por duas palavras:

¹⁷⁶ Na foto é possível observar o nome “Tosco” escrito com uma caligrafia estilizada, bem como o horário provavelmente de quando foi feito.

¹⁷⁷ “Prodígio-minino” (menino) 2018.

prodígio e *minino*, e logo ao lado, o ano 2018. O autor traz uma inversão do substantivo com o adjetivo e ainda a grafia da palavra fora da norma padrão da língua; “ele elabora seu sistema gráfico e não se submete ao certo/errado de que foi de que foi segregado” (ORLANDI, 2012, p. 210). Ao manifestar-se dessa forma, o pixador estabelece sua relação com a cidade e com si próprio (identidade):

A identidade que daí resulta nos ensina como o sujeito, mesmo em situação muito adversa, procura uma chance de simbolizar-se em sua necessidade de estabelecer um laço social. Fala-se em rabiscos ininteligíveis, mas eles são interpretáveis e a interpretação marca o pertencimento a um grupo social, o dos segregados. (ORLANDI, 2012, p. 211)

Além de reinventar a forma da letra, o pixador faz um “jogo de codificação” (LASSALA, 2017). O fenômeno da pixação traz esses aspectos linguísticos e discursivos, construindo a identidade do sujeito e confirmando a necessidade humana de existir simbolicamente no espaço urbano, assim como a sua própria existência na sociedade, como parte do ambiente social.

5. *Considerações finais*

Por meio da compreensão dos estudos de linguagem e do discurso, analisamos os textos do *corpus*. As reflexões decorrentes da análise das três pixações mostram que existe um processo identitário (ORLANDI, 2012) em sua composição. A escolha do tipo de letra (o estilo), bem como as informações que circundam esse grafismo, representam o sujeito como pertencente ao espaço urbano, sua marca naquele lugar privado ou público. Em um estudo desse fenômeno social, Orlandi (2012) ao fazer um estudo desse fenômeno social explica que a letra, isto é, a forma como é escrita, individualiza o sujeito. Este sujeito que é simbólico e histórico conforme os estudos em AD, se significa e significa através da sua escrita de difícil compreensão, elabora sua própria identidade ao escolher sua forma de pizar. Como nas fotos que analisamos, palavras como “Insensato” “Tosco” e “Prodígio *minino*” trazem um efeito metafórico da letra. Ao manifestar-se dessa forma o pixador estabelece sua relação com a cidade e com si próprio (identidade):

A identidade que daí resulta nos ensina nos ensina como o sujeito, mesmo em situação muito adversa, procura uma chance de simbolizar-se em sua necessidade de estabelecer um laço social. Fala-se em rabiscos ininteligíveis, mas eles são interpretáveis e a interpretação marca o pertencimento a um grupo social, o dos segregados. (ORLANDI, 2012, p. 211)

O sujeito pixador age na ilegalidade para existir simbolicamente no meio social. A utilização do espaço público como suporte para essa manifestação provoca mudanças no cenário urbano, representando uma contestação social que desafia a lei com a apropriação de lugares não autorizados. Esse sujeito histórico e político tem a necessidade de se expressar, de fazer das ruas uma extensão da sua individualidade, sob a forma de traços escritos em paredes que transpõem a criação de novas identidades e um meio de participação na vida urbana.

Certamente existem inúmeras motivações para esse fenômeno urbano, pois cada sujeito assimila o lugar em que vive e retrata na pixação seus códigos de conduta. Esses signos encontrados no cenário urbano descrevem uma cultura periférica e marginalizada.

Nosso objeto de estudo é rodeado de subjetividades e, portanto, não apresenta um resultado estabilizado. Mas acreditamos ter sido possível, a partir do material teórico selecionado, compreender as características da pixação e seu impacto social como representação simbólica do sujeito periférico à luz dos estudos da linguagem, principalmente da análise do discurso e da concepção dialógica da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, Helena, H. M. *Introdução à Análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas-SP: UNICAMP, 2004.

_____. *Analisando o discurso*. Museu da Língua Portuguesa. [s.d].

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LASSALA, Gustavo. *Em nome do pixo: a experiência social e estética do pixador e artista DjanIvson*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. p. 11-102

_____. *Pichação não é Pixação: Uma Introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira, 2017. Edição bilíngue: português/inglês.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. A casa e a rua: uma relação política e social. In: _____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *O que é Linguística*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.